



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

CLAUDIA CAMILA SOUSA SILVA

O COMBATE ÀS *FAKE NEWS* POR GRADUANDOS EM BIBLIOTECONOMIA

FORTALEZA

2021

CLAUDIA CAMILA SOUSA SILVA

O COMBATE ÀS *FAKE NEWS* POR GRADUANDOS EM BIBLIOTECONOMIA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S579c Silva, Cláudia Camila Sousa.
O combate às fake news por graduandos em Biblioteconomia / Cláudia Camila Sousa
Silva. – 2021.
48 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro
de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva.

1. Fake news. 2. Alunos de Biblioteconomia. 3. Checagem de notícias. I. Título.

CDD 020

CLAUDIA CAMILA SOUSA SILVA

O COMBATE ÀS *FAKE NEWS* POR GRADUANDOS EM BIBLIOTECONOMIA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Membro)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Membro)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Virginia Bentes Pinto (Suplente)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força e sabedoria para trilhar mais esta etapa da minha vida.

A minha mãe, Eliziene, por sempre me incentivar e me apoiar, por todos os seus esforços e batalhas que me deram a oportunidade de chegar até aqui, agradeço por sempre estar ao meu lado.

Ao meu namorado, por todo o apoio, pelos incentivos, por me acalmar e me dar forças nos momentos em que achei que não seria capaz, agradeço por sempre ter me ajudado no decorrer desta graduação.

A minha família, Tia Inês, Tia Elisa e Tio Walmir, por todo o suporte que me foi dado desde sempre.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Wagner Chacon Silva, por ter aceitado me orientar neste trabalho e por me auxiliar em todos os momentos em que precisei de ajuda.

Aos professores, Dr. Jefferson Veras Nunes, Dr. Luiz Tadeu Feitosa e a professora Dra. Virginia Bentes Pinto, por aceitarem participar da banca examinadora e ajudarem na conclusão deste trabalho.

Aos meus colegas de curso, em especial, Carla Noll e Jaqueline Gonçalves, pelas conversas e companheirismo no decorrer da graduação.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Ceará, pelo ensino de excelência, pelas oportunidades fornecidas e por todas as experiências vividas.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo buscar uma compreensão melhor sobre o comportamento dos estudantes do último semestre do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará a respeito da checagem de notícias. Visto que essa é uma possível área de atuação do bibliotecário, buscou-se analisar se os alunos já possuem o hábito de verificar notícias duvidosas. A pesquisa é de natureza descritiva e possui abordagem quanti-qualitativa. O procedimento de coleta de dados se deu pelo uso de um questionário formulado através da plataforma *GoogleForms*. Os resultados apontam que os alunos estão atentos aos sinais de uma possível notícia falsa e, embora conheçam alguns sites que realizam checagem de notícias, poucas dessas opções são utilizadas. O resultado é positivo, pois, em sua maioria, os alunos costumam verificar informações que pareçam duvidosas além de ter o costume de alertar pessoas que compartilham tal informação.

Palavras-chave: Fake News. Alunos de Biblioteconomia. Checagem de notícias.

ABSTRACT

This research aims to seek a better understanding of the behavior of students in the last semester of the Libraryscience course at the Federal University of Ceará regarding the checking of news. Since this is a possible área of expertise for the librarian, we sought to analyze whether students already have the habit of checking doubt full news. The research is descriptive and has a quantitative and qualitative approach. The data collection procedure was performed using a questionnaire formulated using the Google Forms platform. The results show that students are attentive to the signs of possible false news and, although they know some sites that carry out news checking, few of these options are used. The result is positive, because, in the majority, students tend to check the information that seems doubtful in addition to having the habit of alerting people who share such information.

Keywords: Fake News. Librarianship students. News check.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Fontes de informação.....	35
Gráfico 02 – Frequência diária de acesso a notícias.....	36
Gráfico 03 – Quantidade semanal de acesso a notícias.....	37
Gráfico 04 – Tipos de notícias acessadas.....	38
Gráfico 05 – Checagem de notícias.....	41
Gráfico 06 – Sites de checagem.....	42
Gráfico 07 – Utilização dos sites de checagem.....	43

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fórmula da margem de erro.....	33
Figura 2 – Escore Z.....	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FAKE NEWS	12
2.1 O ambiente virtual e as fakenews	12
2.2 O linchamento de Guarujá	19
2.3 O caso das vacinas	20
2.4 Possíveis atuações do aluno de Biblioteconomia no âmbito das fake news	21
2.5 Curadoria digital	22
2.6 Ciclo de vida da curadoria digital	23
2.7 Responsabilidade civil e o direito digital	24
3 FACT CHECKING	26
3.1 Critérios da verdade	27
3.2 Capital cultural	28
3.3 A notícia imediata	30
4 METODOLOGIA	32
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia vem se tornando cada vez mais utilizada em praticamente todas as áreas de nossas vidas, ela nos auxilia no dia a dia em inúmeras tarefas e no âmbito profissional não poderia ser diferente. A forma pela qual o conhecimento é compartilhado vem se modificando no decorrer do tempo e a profissão de bibliotecário constantemente se adapta a essas mudanças, pois como uma das áreas que mais está ligada a informação é necessário estar sempre atento para as mudanças no meio.

Muitas pessoas têm dificuldade em distinguir uma notícia falsa de uma verdadeira, realmente certas notícias precisam que uma boa checagem seja realizada para identificar se de fato é verdadeira. A propagação de notícias virou quase que instantânea com a ajuda da internet, entretanto, uma notícia falsa pode se espalhar com a mesma velocidade que uma notícia verídica.

Com a velocidade em que as notícias são compartilhadas é muito comum que as pessoas não disponham de tempo suficiente para pesquisar se aquela informação é de fato verdadeira, aliado a isso temos outro fator, muitas dessas pessoas não sabem onde e nem como realizar essa verificação.

Durante toda a graduação no curso de Biblioteconomia existem algumas disciplinas, tanto obrigatórias como optativas, que dão embasamento na área da tecnologia, visto que faz parte do atual perfil profissional do bibliotecário dominar essa área, essas disciplinas auxiliam a familiarização e a entender melhor como funciona a informação no ambiente digital. Dessa forma tem-se uma possível área de atuação para o profissional Bibliotecário, porém, este trabalho tem seu foco nos alunos do curso de Biblioteconomia, especialmente nos alunos do último semestre do curso.

A questão principal foca em saber se: os alunos do último semestre do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará possuem o hábito de realizar a verificação de notícias?

Desde que a pesquisadora tomou conhecimento sobre os prejuízos que a divulgação de uma *fake news* pode causar na vida de pessoas ou na sociedade, teve a curiosidade e o interesse de entender o que leva as pessoas a produzirem esse tipo de notícia, se realmente era só para compartilhar a desinformação ou se havia algum benefício por trás desse ato.

Sempre a intrigou muito o motivo das pessoas não terem o mínimo de interesse em se questionar sobre a veracidade da notícia que compartilham. Mesmo aquela notícia tendo um título apelativo e absurdo, algo do tipo que não aconteceria normalmente, essas pessoas acabam compartilhando como se fosse para demonstrar a sua indignação diante do caso. Questionava-se então: se aquela pessoa se importava tanto com determinado assunto, ao ponto de compartilhar a notícia para demonstrar a sua indignação, por qual motivo ela não iria sequer procurar saber mais informações sobre aquele caso, onde em uma busca na internet possivelmente descobriria que tal notícia é falsa, seria a preguiça ou talvez até mesmo a comodidade de sempre receber as notícias pelas redes sociais e julgar que tudo que está lá é verdadeiro, é uma incógnita.

As redes sociais são meios importantes de comunicação, são ágeis e instantâneas e rapidamente é possível receber respostas sobre determinada notícia e debater aquele assunto com outras pessoas que também estejam conectadas. Torna-se incômodo ver um meio de comunicação tão eficaz sendo utilizado para causar danos e propagar mentiras.

Outro motivo que levou à escolha do tema se deve a graduação cursada, onde a pesquisadora pode perceber que o bibliotecário é um profissional muito flexível, que pode trabalhar nas mais diversas áreas, como é afirmado por Tiscar (2017), que sobreviver neste mundo hiper conectado requer uma disposição de forte atitude ascética frente à informação que chega até nós, tais como a habilidade de discernimento e ferramentas de verificação que estejam ao nosso alcance para navegar entre as informações falsas e as manipulações.

Defende-se que, basicamente onde há informação o bibliotecário pode se encaixar, logo a pesquisadora percebeu que nessa situação, envolvendo *fakenews* e redes sociais, o bibliotecário também pode estar presente proporcionando sua parcela de colaboração, pois ele detém de conhecimento e habilidades para tal tarefa. Assim, conforme Zattar (2016), uma ação que está ligada às *fakenews* é a checagem, que seria um tipo de confirmação e verificação de notícias, os jornalistas vêm atuando nesse escopo e os bibliotecários podem auxiliar de modo que promovam o olhar crítico e ético da comunidade para as informações.

Sendo assim, objetivo geral deste trabalho é analisar se os alunos do último semestre do curso de biblioteconomia realizam checagem de notícias. Para atingir tal objetivo, contou-se com alguns objetivos específicos:

1 – Verificar se esses alunos possuem conhecimento sobre sites que realizam checagem de informação;

2 – Identificar se costumam alertar pessoas que compartilharam uma informação falsa;

3 – Analisar se possuem o hábito de repassar notícias sem saber se são verdadeiras.

Esta monografia está dividida nas seguintes seções: nesta introdução houve uma breve introdução sobre o tema, discorrendo sobre a questão norteadora deste trabalho juntamente com a justificativa de realização do mesmo, finalizando com os objetivos gerais e específicos.

A seção 2 discute um pouco sobre *fakenews*, incluindo sua presença no ambiente virtual, trazendo ainda nessa seção, dois casos que ocorreram por conta das *fake news*. Há uma pequena introdução sobre possíveis atuações do aluno de Biblioteconomia em relação à *fake news*, abordando sobre a curadoria digital para a gestão de dados e o seu ciclo de vida. Pensando nos danos que as falsas notícias podem causar, o tópico seguinte aborda a responsabilidade civil e o direito digital para uma possível reparação do dano material ou moral.

Na seção seguinte aborda-se sobre o *FactChecking*, ou a checagem dos fatos, citando as formas de realizar essa verificação e citando alguns sites que realizam esse trabalho. Em seguida é abordado sobre o Capital Cultural e o conhecimento como sua consequência. Aborda-se também sobre a Notícia Imediata e a necessidade de sempre estar por dentro de tudo que acontece o tempo todo e os possíveis problemas que isso pode vir a causar.

Na metodologia, discute-se sobre as técnicas que foram utilizadas no decorrer da pesquisa e na seção seguinte é abordada a análise e discussão dos dados, descrevendo e analisando os resultados que foram obtidos na realização do questionário. E por fim, nas considerações finais, realiza-se um breve diálogo sobre os resultados obtidos no decorrer do trabalho.

2 FAKE NEWS

Por mais que o termo *fakenews* esteja em bastante evidência e sendo constantemente utilizado ultimamente, não é de hoje que ele existe, o conceito vem de séculos passados, não havendo uma data oficial de origem. É notável que o termo ganhou mais força e visibilidade após as eleições de 2016 no Estados Unidos, onde bastante conteúdo falso sobre a candidata Hillary Clinton era compartilhado de forma intensa por eleitores do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (CAMPOS, 2018).

A propagação de mentiras sempre existiu, seja por meio de uma roda de conversa com amigos ou através da famosa conversa de pescador. É muito comum alguém lhe contar uma notícia ou uma história e você não ter uma comprovação de que aquilo é verdade ou se realmente aconteceu.

O problema pode começar a se agravar quando essas notícias ou histórias que são repassadas, começam a ganhar grandes proporções que acabam fugindo do controle, onde normalmente as histórias podem ir ganhando novas versões e acontecimentos e ainda sim continuam sendo repassadas, seguindo o exemplo da conhecida brincadeira de infância, o telefone sem fio, onde no final, a história pode chegar completamente distorcida podendo causar um mal entendido.

Atualmente o conceito de *fakenews* está diretamente ligado à desinformação, pois ela não é apenas uma informação que foi mal interpretada ou mal apurada, vive-se em um cenário em que, com a ajuda da internet e as mídias sociais, ela é definida e entendida como uma informação falsa que foi divulgada justamente com o intuito de prejudicar determinado grupo ou instituição e os seus interesses.

2.1 O ambiente virtual e as *fakenews*

Com a ascensão da internet, a *fakenews* ganha mais poderes e maiores proporções. Se antigamente as histórias eram repassadas através de boatos boca a boca, atualmente é possível compartilhar um conteúdo falso através de alguns cliques para milhares de pessoas. As redes sociais proporcionam uma maior facilidade para a criação e divulgação de notícias falsas.

Como as redes sociais na *Internet* ampliaram as possibilidades de conexões, ampliaram também a capacidade de difusão de informações que esses grupos tinham. No espaço *offline*, uma notícia ou informação só se propaga na rede através das conversas entre as pessoas. Nas redes sociais *online*, essas informações são muito mais amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas. Assim, dizemos que essas redes proporcionaram mais voz às pessoas, mais construção de valores e maior potencial de espalhar informações. São, assim, essas teias de conexões que espalham informações, dão voz às pessoas, constroem valores diferentes e dão acesso a esse tipo de valor. (RECUERO, 2011, p. 25)

Na maioria dos casos, as notícias falsas são criadas e disseminadas de má fé, realmente com a intenção de acabar prejudicando ou causando algum dano a algo ou alguém. Embora não seja o único ambiente utilizado para isso, é na internet onde elas ganham mais força e visibilidade e funciona basicamente como uma fábrica de desinformação.

Geralmente as falsas notícias que circulam na internet possuem algumas características em comum. Elas podem vir em forma de uma imagem que represente o principal assunto da história e por cima dessa imagem uma mensagem, onde estará descrito a falsa notícia. Dessa forma não existe nenhum *link* que possa direcionar a pessoa para um *site* onde lá seja possível obter mais informações a respeito do conteúdo que está sendo repassado. É muito comum ver esse tipo de notícia circulando e também é o tipo mais fácil de identificar que se trata de uma falsa notícia. Outro modo também pode acompanhar imagens com mensagens que acompanham também um *link* que direciona o leitor para um *site*, essa forma é a que pode passar mais credibilidade para informação, porém a maioria desses *sites* é totalmente sem credibilidade, e a grande parte deles existem para poder repassar essas informações.

Um comportamento bastante comum de grande parte das pessoas que compartilham esse tipo de informação é o fato de não ter o mínimo interesse em saber qual a origem de tal notícia. Assim acabam agindo até como se tivessem em um modo automático, onde leem, concordam ou acham absurdo e compartilham, é como se não tivessem um senso crítico para fazer uma avaliação e questionar a veracidade de tal informação. Grande parte realmente não está interessada se determinada notícia é real ou não, está interessada, principalmente, em compartilhar e divulgar tal notícia.

O que está errado com a sociedade em que vivemos, disse ComeliusCastoriadis, é que ela deixou de se questionar. É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesma e,

portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições tácitas e declaradas. Isso não significa, entretanto, que nossa sociedade tenha suprimido (Ou venha a suprimir) o pensamento crítico como tal. Ela não deixou seus membros reticentes (e menos ainda temerosos) em lhe dar voz. Ao contrário: nossa sociedade - uma sociedade de "indivíduos livres" - fez da crítica da realidade, da insatisfação com "o que aí está" e da expressão dessa insatisfação uma parte inevitável e obrigatória dos afazeres da vida de cada um de seus membros. (BAUMAN, 2001, p. 21)

Embora tenha uma parcela de pessoas que não se interessem na veracidade da notícia, existe uma parcela geralmente pouco informada ou com pouco domínio sobre a tecnologia que acabam compartilhando tais informações por puro desconhecimento.

Normalmente essas falsas notícias utilizam de títulos chamativos ou de mensagens impactantes para chamar atenção para a notícia, e a partir daí basta uma pessoa ler e ter algum sentimento, seja ele revolta, indignação ou simplesmente goste do que leu, para poder compartilhar sem ter a noção de que aquela mensagem pode ser falsa. Até mesmo por ingenuidade acabam tendo o pensamento de que, o que se encontra na *internet* são verdades inquestionáveis, o que não é um fato.

A internet conseguiu mudar a forma como a notícia é consumida pelas pessoas e essa mudança é constante. O jornalismo profissional sofre com essas mudanças e, não somente isso, o jornalista também que agora precisa adaptar-se constantemente a essas mudanças. Mas assim como os meios de comunicação tradicionais, a internet também está sujeita a notícias falsas. De acordo com Souza (2017, p.1)

Ao longo de sua história, o jornalismo sempre conviveu em menor ou maior grau com notícias falsas. Boatos publicados sem apuração, notícias pagas para favorecer alguém, notícias simplesmente inventadas em veículos sensacionalistas – tudo isso não vem de hoje e foi algo com que a imprensa sempre buscou lidar. No entanto, com a internet, a proliferação das notícias falsas aumentou exponencialmente. Um fenômeno que vem pondo em risco a própria profissão de jornalista, que vê agora, em plena era digital, sua credibilidade novamente em jogo.

Ainda segundo este, as *fakenews* são publicadas todos os dias na internet e servem normalmente para suprir desejos individuais. Seja para desacreditar um adversário político, como no caso mais recente na eleição brasileira

de 2018, seja para garantir mais visualizações às postagens ou links e assim atrair maior publicidade dentre outros motivos. Normalmente possuem cunho político ou econômico, ou seja, garantir de certo modo poder.

De acordo com Souza (2017, p.1), o termo pós-verdade é tido como a expressão do ano. O conceito de pós-verdade sempre existiu, porém, ganhou força no ano de 2016 no contexto do referendo da União Europeia, no Reino Unido, e nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, em razão da expressiva quantidade de notícias falsas envolvendo esses dois eventos.

A idéia de pós-verdade não quer dizer necessariamente que é mentira, mas sim, ser uma idéia que busca confundir o outro. Zarzalejos (2017, p.11) afirma que a pós-verdade não é um sinônimo de mentira, mas consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emocional. Ainda segundo o autor, a confusão criada pela pós-verdade no uso de manobras conspiratórias hostilizando grupos sociais, ou criando receio sobre estes, remontam à antiguidade, mas foi no século XX que causaram os piores desastres contra a humanidade, como o nazismo e o stalinismo.

Contudo, a pós-verdade não é vista apenas no âmbito da política, e pode estar presente em outros campos de estudo. Conforme Zarzalejos (2017, p.12)

É feita também, de forma perigosa e arbitrária, no âmbito da publicidade e no campo empresarial. A comunicação de grandes empresas – especialmente dos setores estratégicos como o da energia e o financeiro – deve rever seus protocolos de atuação: sua comunicação não deve consistir apenas – quiçá, principalmente – em transmitir conhecimentos, mas em desarmar mentiras, versões alternativas, rumores e, em algumas ocasiões, falsidades abertas. A política e os negócios perderam – na realidade, toda a sociedade perdeu – um mecanismo de defesa diante da pós-verdade: a intermediação jornalística.

Assim, a pós-verdade deve ser entendida como uma forma para diminuir a credibilidade da imprensa e de outros meios de divulgação de notícias. O jornalismo em si nem sempre foi moldado somente na pura verdade. A imparcialidade também se torna um problema no campo jornalístico. Não muito incomum, a pós-verdade é um método para suprir uma verdade não tão conveniente, como tirar a credibilidade do jornalismo.

Alguns autores enxergam o fazer jornalístico na era da pós-verdade como ameaça e ao mesmo tempo oportunidade. Medeiros (2017) menciona que com todos produzindo conteúdo e compartilhando nas redes sociais num primeiro momento o jornalismo perde forças, pois ler na íntegra uma postagem, verificar a

credibilidade da fonte e questionar dados são comportamentos ignorados pelos usuários.

Com diversas informações na Web, o jornalista pode virar fonte principal e confiável em meio a tanta informação falsa. Localizar na internet locais onde notícias são suspeitas, sem fontes e sem citações não é uma tarefa complicada. Nesse sentido, o autor Medeiros (2017, p.24) afirma que o desafio determinante é a capacidade do jornalismo de enfraquecer os construtores interessados em meias-verdades ou falsidades inteiras. Ou seja, é necessário ultrapassar os criadores de falsas verdades, o que pode significar investimento, conhecimento e pessoas especializadas.

Nas redes sociais, o anonimato tem se tornado um aliado dos geradores de *fakenews*, como explana Medeiros (2017, p.25)

Existem atores ávidos para estimular crenças radicais, cultivar preconceitos e posições extremas que são abraçadas com fervor, principalmente nas redes onde os *haters*, *trollers*, portais *fakes* ou páginas especializadas em boatos, se proliferam. Sem falar que muitos ainda gozam do anonimato.

Assim como a internet pode auxiliar o trabalho jornalístico, ela pode apresentar um lado diferente. Para Souza (2017) num ambiente de crise da imprensa como negócio e também dos veículos de comunicação como grandes formadores de opinião junto às massas, as notícias falsas encontraram na web um território livre para se manifestar.

Além disso, as *fakenews* não estão só ligadas à problemática do jornalismo e dos meios de comunicação. Sua capacidade de interferir na vida das pessoas, propagando falsas verdades, também pode ferir os direitos fundamentais da intimidade e da honra. Tornou-se conveniente espalhar palavras de ódio a pessoas ou grupo de pessoas devido à impunidade que assombra o meio online atual. Conforme Pina (2017, p.41)

Em termos legais, o problema das *fake news* se dá quando ocorre um conflito de direitos. Tais conflitos são produzidos entre a informação transmitida e os direitos fundamentais das pessoas afetadas por dita informação, principalmente a honra e a intimidade.

Nesse sentido, notícias falsas podem ferir os direitos fundamentais dos indivíduos, à medida que a propagação de inverdade em grande escala possui repercussões na honra, imagem e intimidade daqueles que são alvos delas.

Já para o cenário do jornalismo, as *fakenews* estão ligadas diretamente com a credibilidade depositadas pelos usuários nos canais de informação, quanto à veracidade dos fatos apresentados. Em um estudo realizado pelos jornalistas Craig Silverman e Jeremy Singer-Vine sobre a credibilidade das *fake news*, pelo site *Buzzfeed*, em 2016, acerca da eleição de Donald Trump, os repórteres constataram que 23% dos 3015 entrevistados utilizavam o *Facebook* como fonte principal de informação, e, destes, 83% consideraram *fake news* como notícias precisas. Não é preciso ser nenhum especialista no assunto para verificar que os dados são alarmantes.

Katherine Viner (2016), em uma de suas reflexões no jornal *The Guardian*, ao publicar o artigo “*How technology disrupted the truth*” em julho de 2016, afirma que a transição do jornalismo para as mídias digitais acarretou a aceitação das mentiras e de rumores informativos, uma vez que a tecnologia transformou o jornalismo.

Recuperar essa credibilidade perdida devido às redes sociais é tarefa árdua e deve estar entre os principais assuntos debatidos pelo atual jornalismo. De acordo com Zarzalejos (2017, p.13)

A nova comunicação e o novo jornalismo devem concentrar-se, de agora em diante, não tanto em contar- isto já o faz os cidadãos, por conta própria, por meio do enorme cardápio de tecnologias digitais à sua disposição – mas em verificar, em realizar o *fact-checking* de maneira sistemática, por meio de muitas plataformas que já existem.

É necessário entender o que significa credibilidade, tanto no jornalismo quanto nos meios de comunicação. Segundo Serra [2003?], os princípios que orientam a seleção da informação pelos receptores são a pertinência e a credibilidade. Como o autor explica, se não for considerada pertinente, uma informação, por mais credível que ela seja ao não conquistar a atenção dos seus eventuais receptores, está condenada a uma não existência de fato. Ainda para o autor, a informação se não for considerada credível, mesmo sendo muito pertinente, acaba por ser anulada pelos seus receptores.

Além disso, no jornalismo, é preciso levar em consideração que o debate sobre a credibilidade não é um fato recente, pois é um assunto recorrente em estudos desde as mídias tradicionais. Para Bucci (2000), a credibilidade é muito importante para o jornalismo, sendo ela quem certifica a profissão, assim como legitima os meios de comunicação

Ainda que busquem constantemente a credibilidade com o seu interlocutor, os meios de comunicação precisam se reinventar na web. De acordo com Castilho (2005)

O modelo atual de certificação de veracidade já não funciona mais. O problema é causado pela falta de controles mais rígidos na produção das notícias, enquanto os blogueiros e pesquisadores de novas mídias acreditam que a questão é mais complexa, pois, segundo eles, estaria havendo uma substituição de padrões de credibilidade fixados por grupos restritos de pessoas, em benefício de percepções coletivas.

Os meios de comunicação online ainda passam por um processo de adaptação. Conforme Serra [2003?], a web passa agora por um processo de credibilização do seu dispositivo, etapa da qual o jornalismo online depende para se firmar com consistência no horizonte do receptor. Para alguns autores, como Lisboa (2012), a confiabilidade é exigida em todo tipo de informação. Para ele,

As exigências que fazemos ao jornalismo e o modo como julgamos sua credibilidade, são em grande medida as exigências e maneiras pela qual atribuímos confiabilidade a qualquer tipo de fonte de informação com quem travamos contato. (LISBOA, 2012)

As *fake news* na internet, além de tirar a credibilidade do jornalismo, ainda são um fator que abre precedentes para discursos de ódio na rede. Para Amaral e Moschetta (2015), as características da rede, como o anonimato, geram mudanças na forma de sociabilidade entre os indivíduos e a propagação de discurso de ódio e violência simbólica tende a ser intensa na internet, pois as barreiras de interação sociais são reduzidas nesse ambiente.

Os indivíduos que utilizam de violência e discurso de ódio nas redes sociais também são conhecidos como *haters* – odiadores. Segundo Amaral e Coimbra (2015), o termo *hater* (em português, odiador) como gíria da internet é originário do *hip hop* norteamericano, e está relacionado à expressão “*HatersGonnaHate*” (Odiadores vão odiar). (AMARAL; MOSCHETTA, 2015)

A idéia de auto regulação do ambiente digital existe e procura de certo modo evitar que essas pessoas que espalham palavras de ódio e notícias falsas sejam extintas. Muitas vezes a própria arquitetura de como a internet funciona e suas mudanças corroboram para que esse tipo de pessoa ganhe espaço na web. Mesmo assim, os próprios usuários que usam a ferramenta sem essas intenções funcionam como um “poder de polícia” muitas vezes, desenvolvendo debates e em

último caso realizando a denúncia dessas pessoas que utilizam a internet de maneira imprópria.

Os *haters*, nas redes sociais, são pessoas que violam as regras de convivência social e civil com o objetivo de chamar a atenção. Conforme Amaral e Moschetta (2015)

[...] se refere às pessoas que expressam ódio nos espaços de interação e conversação. São sujeitos que não estão abertos ao debate/diálogo construtivo, eles fazem apenas críticas negativas ao outro, não respeitando a opinião divergente. O *hater* quer ser temido e ouvido, e com o surgimento dos sites de redes sociais, ele ganhou voz e visibilidade, devido às características da rede.

Empresas como *Google* e *Facebook* foram acusadas de serem responsáveis por espalhar notícias falsas. *Facebook* com seus algoritmos de busca e *Google* com seu mecanismo de busca são hoje os principais meios pelos quais os jovens têm acesso a informações diárias. Ambas as empresas se comprometeram recentemente a combater esse problema. O *Google*, por exemplo, bloqueou certos sites que considerou serem informações falsas disseminadas por suas redes de publicidade, bloqueando o fluxo de receita ao adicionar um novo recurso à sua ferramenta de pesquisa. Apesar disso, um debate sobre se eles devem se engajar nessa batalha de notícias falsas, separando-os das notícias reais. Por controlarem o acesso à informação para uma grande parte da população, acabam adquirindo um poder de censura e julgando o que é verdadeiro e o que não é. A questão aqui se torna um pouco mais delicada. (BARRETO;BRASIL, 2016)

As empresas jornalísticas devem pautar a sua atuação, sendo as primeiras a não produzir ou veicular as *fakenews*, sobretudo as democraticamente tendenciosas, as quais impedem escolhas totalmente livres e têm elevada propensão de polarizar ainda mais uma sociedade fragmentada, fomentando o discurso de ódio.

2.2 O linchamento de Guarujá

Além de levar a desinformação, as *fakenews* podem acabar com reputações e até destruir vidas. Foi o que ocorreu com Fabiane Maria de Jesus, que teve sua vida ceifada por conta da circulação de uma falsa notícia nas redes sociais.

Fabiane, aos 33 anos, foi brutalmente espancada ao voltar para casa no bairro em que morava, em Morrinhos, bairro localizado na cidade de Guarujá, litoral de São Paulo. Ela foi morta ao ser confundida com a mulher de um retrato falado que tinha sido divulgado dias antes por meio de uma página no *Facebook* voltada para notícias do Guarujá, onde denunciava uma suposta mulher que vinha sequestrando crianças na localidade para realizar rituais de magia negra.

Fabiane não pôde se defender, ela foi rapidamente julgada, condenada e espancada por cerca de duas horas por dezenas de moradores, entre eles homens, mulheres grávidas e inclusive crianças, que decidiram fazer justiça com as próprias mãos.

Um tempo depois a polícia elucidou o caso, onde foi confirmado se tratar de uma *fake news*, não havia nenhuma denúncia de sequestro de crianças na região e o retrato falado utilizado no qual fez os moradores o associarem a Fabiane se tratava de um retrato falado de outro caso ocorrido no Rio de Janeiro, e o mesmo nada tinha a ver com sequestro de crianças.

Fabiane foi vítima da divulgação de notícia falsa que atingiu pessoas que não se importaram em fazer uma checagem da informação para saber da sua veracidade, apenas receberam a notícia, repassaram a mesma e apontaram como culpada a primeira pessoa que associaram ao falso retrato falado divulgado.

Esse é um exemplo dos estragos que uma *fake news* pode causar na vida das pessoas, Fabiane era casada e deixou duas filhas, a filha mais velha, assim como o marido de Fabiane tomaram conhecimento do caso inicialmente através de inúmeros vídeos e fotos do linchamento que foram amplamente divulgados nas redes sociais, vídeos esses que ajudaram a identificar e condenar cinco acusados de participar do linchamento.

2.3 O caso das vacinas

O movimento antivacina existe há muito tempo, porém pouco se ouvia falar sobre por conta de ser um número pequeno de pessoas que aderiam a esse movimento. No entanto, recentemente, o número de pessoas que optam por não se vacinarem e não vacinarem seus filhos cresceu, e esse fato está ligado diretamente a várias *fake news* a respeito das vacinas divulgadas por meio das redes sociais,

onde as informações divulgadas por meio dessas redes têm um alcance de pessoas muito maior.

Algumas das notícias divulgadas são informações falsas do tipo, o governo usa a vacina como método de esterilização, as vacinas estão vindo com vírus do câncer e até mesmo que vacina causa autismo. Esse tipo de notícia foi divulgada por várias redes sociais, porém teve sua propagação com maior intensidade por meio de correntes no *Whatsapp*.

O que acontece geralmente é que, as pessoas que são mais desinformadas, ao receberem esse tipo de informação ficam na dúvida a respeito da veracidade da notícia, e ao invés de procurarem se informar sobre o assunto acaba optando por não se vacinar e não vacinar as crianças.

Em decorrência disso foram registrados no ano de 2019 quase 10,5 mil casos de sarampo no Brasil, e a taxa de vacinação contra sarampo para as crianças chegou a apenas 57%, enquanto em 2015 essa taxa girava em torno de 96%. Outra vacina que teve uma baixa muito grande foi a da poliomielite, que baixou de 98% para 51% de 2015 para 2019 (SETE... 2019).

2.4 Possíveis atuações do aluno de Biblioteconomia no âmbito das fake news

A profissão de bibliotecário é muito promissora, dessa forma, o aluno de biblioteconomia, depois de formado, poderá trabalhar em diversas áreas, e quando se trata de tecnologias digitais podemos citar entre elas os repositórios digitais, as bibliotecas digitais e bases de dados, isso significa que cada vez mais o discente deverá se qualificar para trabalhar em ambientes digitais.

A biblioteca é concebida como organização eficiente e de qualidade, um espaço de informação e conhecimento onde são compartilhadas as melhores práticas e a competitividade é fator de diferenciação. O bibliotecário ora é definido como gestor de conhecimento, ora como mediador na tarefa da pesquisa. Atuando como mediador informacional, incorpora novos níveis de abstração e sua interação com os indivíduos/clientes tende a aumentar. Assume novas atividades e procura atualizar-se sempre. Nesse sentido, começa a pensar sistemicamente. (DUDZIAK, 2007, p. 94)

Além do ambiente virtual, existem ainda inúmeras áreas em que o futuro bibliotecário pode atuar.

Atualmente o profissional pode exercer suas atividades nos mais variados setores tais como: bibliotecas, centros de documentação, arquivos, editoras,

livrarias, agências de publicidade, centros de preservação e restauração de documentos e obras de arte, TV, emissoras de rádio e jornal, organização de bases de dados virtuais, cartórios, museus, fóruns, discotecas, etc. Como percebe-se o profissional tem um leque de opções de atuação, dos ambientes mais tradicionais aos mais excêntricos. (PINHEIRO, et al, 2012, p. 2)

E além de todas essas áreas, o aluno de biblioteconomia pode incluir sua atuação no âmbito das *fake news*, pois várias das competências necessárias fazem parte do currículo acadêmico do discente e existe mercado profissional para determinada atuação, assim como afirma Pinheiro (2012, p.4).

E por último o mercado informacional de tendências é aquele que permite a atuação do bibliotecário em centros de informação/documentação em empresas privadas, bancos e bases de dados eletrônicos e digitais, portais de conteúdo e portais de acesso (internet e intranet). Esse mercado de trabalho caracteriza-se por sua imensidão e crescimento rápido.

2.5 Curadoria digital

A curadoria digital é um conceito em evolução constante, já é estabelecido que ela envolve a gestão atuante e a preservação de recursos digitais que envolve todo o ciclo de vida de interesse do mundo acadêmico e do mundo científico.

Afinal, de uma forma mais ampla, a ideia de curadoria digital pode ser definida como todas as atividades envolvidas na gestão de dados, desde o planejamento de sua criação, no momento em que os sistemas são projetados, passando pelas boas práticas na digitação, na seleção dos formatos e na documentação, e também na garantia dele estar disponível e adequado para ser descoberto e reusado no futuro. (PORTAL DO BIBLIOTECÁRIO, 2015).

E esse pode ser considerado um desafio para a curadoria digital, que envolve atender as gerações atuais e futuras de usuários, e para isso cada vez mais ela vem sendo moldada, por meio dos conhecimentos e práticas acumulados na última década sobre preservação e acesso aos recursos digitais.

A preocupação principal da curadoria digital se dá na gestão que envolve todo o ciclo de vida do material digital, de maneira que ele possa permanecer continuamente acessível e possa ser recuperado a qualquer momento quando for solicitado, ela auxilia na melhora da qualidade da informação e dados.

Outra perspectiva da curadoria digital é a sustentabilidade dos dados para o futuro, conferindo-os para os seus criadores e usuários. Todos os recursos estratégicos, metodológicos e as tecnologias que são envolvidas nas práticas da curadoria digital facilitam o acesso persistente a dados digitais confiáveis por meio da melhoria da qualidade desses dados, do seu contexto de pesquisa e da checagem de autenticidade. (PORTAL DO BIBLIOTECÁRIO, 2015).

Assim, a curadoria auxilia a garantir a autenticidade desses dados como registros arquivísticos, permitindo que eles possam ser usados no futuro como evidência legal. Pois o usuário vai poder ter a garantia de estar usando uma informação autêntica e não estará propagando informações infundadas.

2.6 Ciclo de vida da curadoria digital

Existe um modelo que detalha sobre o ciclo ideal de vida da curadoria digital, esse ciclo de vida asseguraria a continuidade do material digital, pois ao final do processo ele teria um fim onde poderia ser descartado ou transformado, então esse ciclo de vida é útil para dar uma enxugada na quantidade de informações que não tem tanta utilidade.

O ciclo se inicia na conceitualização, que envolve a concepção e o planejamento da criação de conteúdo, incluindo ainda a definição de métodos de captura e armazenamento de informação. A criação ou recepção garante a produção de conteúdo atribuindo metadados administrativos, descritivos, estruturais e técnicos, os metadados de preservação também podem ser adicionados no momento da criação. A recepção de conteúdo se dá de acordo com políticas de coletas estabelecidas, de criadores de conteúdo, outros arquivos, repositórios e se necessário, atribuir metadados apropriados.

O acesso e uso seria a garantia de fácil acesso a conteúdos públicos e privados pelos usuários. Na etapa de avaliação e seleção, que seria relacionado a conteúdos digitais que por sua vez necessitam de preservação que atendem normas, processos e requisitos necessários para o procedimento. Também seria necessário se desfazer de conteúdos não selecionados para preservação, atendendo normas estabelecidas. O *backup* transfere conteúdo digital para um arquivo confiável e realiza o *backup*, também atendendo normas estabelecidas.

A preservação envolve ações que garantem a preservação e identificação do conteúdo. A reavaliação é utilizada para avaliação e seleção adicional para conteúdo já avaliado. O armazenamento garante a manutenção dos dados de forma segura dentro dos padrões pré-definidos. E por último a transformação, que gera a criação de novo conteúdo a partir do original. (PALLETA;GONÇALVES, 2016).

2.7 Responsabilidade civil e o direito digital

Toda *fake news* espalhada gera algum tipo de dano, eis a importância da responsabilidade civil, que tem como objetivo principal gerar reparação do dano material ou moral daquele que sofreu prejuízo, algo que tem tido um crescimento notável ultimamente é o direito digital, que busca trazer leis específicas contra crimes cometidos na internet, é preciso garantir o direito à liberdade de expressão, mas é necessário que esse direito não atravesse a privacidade e atinja a honra do outro.

Pode-se dizer que hoje a sociedade vive em uma era digital, as crianças desde cedo são criadas com a tecnologia à sua volta, dominam a tecnologia antes mesmo de aprenderem a pronunciarem as primeiras palavras. O uso difundido da internet tornou possível uma maior conectividade entre as pessoas, trouxe inúmeros pontos positivos em nossas vidas, facilitando a comunicação, criando maneiras de trabalhar com mais eficiência, entre milhares de outras funções.

Contudo ela também trouxe aspectos negativos onde cuidados devem ser tomados. Caso seu uso alcance pessoas mal intencionadas, poderá surgir as mais variadas infrações e atos ilícitos, além da disseminação das notícias falsas, seja por meio, por exemplo, da violação de direitos autorais, pela prática dos chamados crimes cibernéticos ou pela ofensa aos direitos de personalidade de terceiros. Esses não são problemas propriamente gerados pela introdução da internet, mas sim problemas antigos que, de certo modo, sofreram adaptações e agora estão introduzidos no meio online.

Todos esses comportamentos no meio digital, que infelizmente vem crescendo de forma assombrosa vitimando muitas pessoas das mais variadas maneiras, durante longo período essas práticas não eram nem sequer consideradas ilícitas, pelo simples fato de não haver ainda nada que regulasse como crime essas condutas. Em resposta à criminalidade, a legislação vem evoluindo, buscando

reprimir e punir tais práticas e punir os devidos responsáveis de maneira proporcional e em tempo considerável.

Os crimes praticados no ambiente da internet diferenciam-se do mesmo crime praticado nos demais meios, em razão dos efeitos gerados pelos atos cometidos, uma vez que os danos sofridos podem atingir um patamar de grande magnitude, por exemplo, uma determinada pessoa cria e divulga uma falsa notícia e inúmeras pessoas vão compartilhar, atingindo um número muito grande de pessoas, com toda a repercussão fica difícil identificar quem foi o criador de tal notícia, e, além disso, tem a dificuldade de como punir todos os outros usuários que acabaram compartilhando, a velocidade em que um conteúdo divulgado na internet se espalha é muito grande e fica impossível retirar todo esse conteúdo posteriormente.

O surgimento do direito digital está ligado diretamente com a evolução da sociedade em uma análise mais ampla. O desenvolvimento não tornou a sociedade apenas mais informatizada, fez surgir a chamada sociedade da informação, que possui como principal característica dar maior importância aos bens imateriais, como é o caso da propriedade intelectual. É evidente que os bens materiais ainda possuem grande pertinência, mas a ideia é que o conhecimento e a informação possuem tanta importância quanto. Fez com que a informação tivesse um valor maior, surgindo assim, pessoas dispostas a desenvolverem meios para a obtenção de tais informações e capacidade de manipulá-los (SOUZA, 2017).

3 FACTCHECKING

Grande parte das *fake news* pode ser identificada de maneira bem óbvia, em sua maioria, costumam possuir alguns erros de português, outras costumam ser algo bastante absurdo, esses dois pontos já são bem importantes para se ficar atento e duvidar de uma informação.

Existem ainda outras medidas, como o *fact-checking*, que se resume em verificar informações de uma matéria que se desconfie da veracidade, confrontando essa informação com dados.

As práticas do “fact-checking” têm origem em uma demanda estrutural, consequente das formas contemporâneas de produção, circulação e consumo de informação e surgem como mais uma das facetas das dinâmicas de apropriação das TICs em determinados contextos. Questões relacionadas à verificação de informações não são novas, no entanto, a emergência e consolidação do ciberespaço e o uso das mídias sociais como uma das principais arenas de produção, circulação e consumo de informação contemporâneas, criaram as condições de possibilidades para que profissionais de jornalismo “descobrissem” a oportunidade para esse empreendimento. Em outra perspectiva, as práticas de avaliação de fontes de informação fazem parte do ethos profissional dos bibliotecários, mesmo antes do surgimento da sociedade da informação e das TICs. (CALIL JÚNIOR, 2017, p. 139)

Existem diversas plataformas que disponibilizam o serviço de *fact-checking*, dentre eles podemos citar o *boatos.org*, que funciona como um site onde são publicadas diversas notícias que circulam pela *internet* e são boatos, ele também possui a opção de busca, onde por meio de palavras-chave é possível procurar uma notícia específica e verificar se existe algo sobre ela no *site*. Existe também a Lupa, que é a primeira agência especializada somente em *fact-checking*.

A Lupa integra a International Fact-Checking Network (IFCN), rede mundial de checadores reunidos em torno do PoynterInstitute, nos Estados Unidos, e segue à risca o código de conduta e princípios éticos do grupo. Por este motivo, já foi convidada a representar o Brasil em eventos de alcance global como maratonas de checagem da Cúpula do G-20 e debates da eleição presidencial americana de 2016. (BLOG LUPA, 2018)

Recentemente, o portal de notícias G1 anunciou um novo recurso disponível no *site*, intitulado de Fato ou *Fake*, consiste em realizar uma checagem nas principais notícias veiculadas nas redes sociais como o *Facebook* e o *Whatsapp*, e esclarecer se é realmente verdade ou mentira tal informação, além de informar se é real ou não eles divulgam matérias que comprovam tal afirmação.

O Truco é o projeto de checagem de informações pertencente à Agência Pública, que é uma agência de jornalismo investigativo fundada em 2011 apenas por repórteres mulheres, um dos seus principais focos é investigar a administração pública cobrindo todos os níveis de governo e casas legislativas. Consiste em realizar a verificação de falas de políticos e personalidades públicas classificando-as em verdadeiro, descontextualizado, exagerado, distorcido, discutível, contraditório ou falso, e o objetivo desse trabalho além de informar a população é fazer com que haja uma conscientização para que as autoridades se tornem mais responsáveis em suas declarações. (TRUCO, 2014)

Existe também o E-farsas que é o mais antigo site de checagem de notícias criado em 2002, eles recebem sugestões de notícias para checar por meio dos próprios leitores do blog e fazem uma busca na internet para apurar se tal informação é verdadeira ou falsa. (E-FARSAS, 2002)

Já o *Fake Check* é um site que trabalha com um sistema que detecta se a notícia é verdadeira ou falsa, o usuário copia uma matéria que ele tenha dúvida a respeito da veracidade, cola essa matéria no site, onde é informado que o texto colado deve conter pelo menos 100 palavras, pois foi com essa quantidade mínima que o sistema foi configurado para realizar a busca, e então o sistema aplica métodos que extrai os atributos lingüísticos do texto e os utiliza em um modelo de aprendizado do sistema que classifica a matéria em verdadeira ou falsa. O *fake check* afirma que em testes controlados, o sistema atingiu a marca de 89% de assertividade, dessa forma não é recomendado utilizá-lo como única forma de checagem. (FAKE CHECK, 2018)

3.1 Critérios da verdade

Todos esses mecanismos buscam exatamente expor a verdade e ir contra a propagação de falsas notícias, mas há o questionamento sobre o que de fato seria essa verdade, pois de acordo com GARCIA (2001, p.252) há pelo menos três concepções diferentes a respeito da verdade, sendo elas a *aletheia*, que é verdade em grego, seu significado tem a ver com o que não é oculto, o que é visto aos olhos do corpo e do espírito, no latim, verdade se diz *veritas*, que se refere à exatidão de um relato, onde se conta com detalhes e fidelidade um ocorrido, e vindo

do hebraico, *emunah*, que significa confiança, onde a verdade é uma crença com raiz na confiança e na esperança em relação ao futuro.

Assim como fala Garcia (2001, p.253, *apud* Bazarian, 1994) há pelos menos cinco critérios da verdade para analisar, sendo eles, o critério da autoridade, o critério da evidência, critério da ausência, o critério da utilidade e o critério da prova. O critério da autoridade é o primeiro critério de verdade, ele define que algo falado por autoridades é uma verdade, assim como acontece na religião, os religiosos consideram o que é falado pelos fundadores como critério supremo da verdade.

O critério da evidência, assim como o próprio nome já diz, necessita ter uma evidência sobre o que é falado, este critério é o mais aceito até os dias de hoje. O critério da ausência se baseia na ausência de contradição no pensamento consigo mesmo, quando se há afirmações que são coerentes e há ausência de contradição, logo se é verdadeiro.

De acordo com o critério da utilidade, as coisas não são verdadeiras em si, porém chegam a ser verdadeiras a partir da sua utilidade, basicamente a ideia tem que ser eficaz ou render algum tipo de lucro para ser verdadeira, ela tem que ter algum tipo de utilidade prática. O critério da prova é o critério considerado supremo, pois se pode haver dúvidas a respeito de uma verdade até o momento em que ela é provada, a partir do momento em que há indícios que comprovem sua veracidade, já não se pode duvidar dela.

3.2 Capital cultural

O conceito de capital cultural vem de Pierre Bourdieu através da percepção de que o capital econômico não era o único fator utilizado para a reprodução de privilégios e a distinção social, embora esse fator ainda seja a maior causa de segregação social ele não é o único, a cultural, assim como é apontada na fala de Bodart (2010) é algo que quanto mais você tem, maior são as condições para acumular cada vez mais.

Bodart (2010) fala da observação feita por Bourdieu onde, ao observar o desempenho de crianças no desenvolvimento escolar ele percebeu a diferença que há no estoque de capital cultural delas e o quanto era diferente de uma para outra variando de acordo com sua classe social pertencente. Quanto mais capital cultural

a criança tinha mais apreço era recebido por parte dos professores e eram melhor recompensadas além de ter mais facilidade para absorver o que estava sendo ensinado. Já as crianças pertencentes às classes mais populares não viam o conteúdo da escola como algo atrativo, até mesmo pelo fato de estar distante das suas realidades cotidianas, então algumas crianças tinham mais predisposição em aprender do que outras, associado isso ao grau de capital cultural que possuíam.

A partir dessa observação é fácil perceber que a família tem um papel super importante na educação das crianças, e que essa responsabilidade não cabe somente a escola, devido ao fato de essa predisposição em aprender ser derivado do estoque de capital cultural que a criança possui e esse mesmo estoque ser algo que ela já constitui a partir do relacionamento familiar, esse fato pode ditar seu sucesso ou fracasso no âmbito escolar, que irá refletir na sua vida profissional no futuro.

Pode-se dizer que o conhecimento é uma consequência do capital cultural acumulado no decorrer da vida, porém isso não está ligado a idade, por exemplo, atualmente, facilmente pode-se encontrar uma pessoa de oitenta anos que possui menos capital cultural do que uma pessoa de quarenta, além do fator econômico, outro fator que dita esse acúmulo de capital cultural é basicamente o interesse do indivíduo em adquiri-lo, há uma desvantagem, mas nada que o impeça de obter tal conhecimento. O acúmulo desse conhecimento pode proporcionar um grau maior de escolarização e facilitar para se obter um maior poder econômico.

Quanto maior for o grau de escolarização mais conhecimento aquela pessoa possui, logo quanto mais conhecimento menos chance de ser mais uma pessoa que acredita e compartilha *fake news* aquela pessoa tem.

Citando um exemplo bem próximo da nossa realidade, inúmeras notícias falsas foram disseminadas nesse período de pandemia vivido em 2020, inclusive o próprio presidente da república Jair Bolsonaro, foi o responsável por disseminar muita desinformação.

Nesse mesmo período, uma pesquisa feita pelo Datafolha apontou que a população mais rica e com maior grau de escolaridade, ou seja, os maiores detentores de capital cultural, responderam negativamente em relação às declarações e ao desempenho do presidente durante o período da pandemia. A mesma pesquisa aponta que os entrevistados mais escolarizados e com maior renda é o grupo que se julga mais bem informado a respeito da crise, isso reforça o

que já foi falado a respeito das pessoas que possuem maior capital cultural terem mais conhecimento pelo fato de buscarem sempre se manter informadas. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

3.3 A notícia imediata

A mídia em si, incluindo jornais, telejornais, entre outros, ainda possui grande influência em relação a diversos acontecimentos, geralmente, nos dias atuais, as notícias chegam mais rapidamente e são disseminadas mais rapidamente através das redes sociais, por esse motivo os jornais mais relevantes buscam sempre produzir sua matéria sobre algo que aconteceu recente, o mais rápido possível, e as redes sociais servem como um aliado para esses jornais terem acessos em seus sites, quando um indivíduo passar a curtir ou seguir uma página de um jornal nas redes sociais as notícias vem até ele mais rapidamente, pois o ato de curtir ou seguir demonstra que ele possui interesse naquele conteúdo.

A partir dessa preocupação em noticiar algo primeiro para gerar acessos acaba ocorrendo erros que vão desde um simples erro de gramática até a divulgação de uma informação falsa, porém a divulgação dessa informação falsa nem sempre está ligada a disseminação de *fake news*, muitas vezes a publicação dessa informação falsa acontece por conta da própria pressa em divulgar a notícia e acaba que muitas vezes essa informação não é checada com a devida atenção que deveria, pois checar a informação pode demorar um pouco e nessa demora algum outro jornal pode publicar a notícia primeiro, o que gerará mais engajamento para ele, porém o engajamento que ele ganha em ser o primeiro pode acabar fazendo com que venha a perder a credibilidade por divulgação de notícia errada e mal apurada, e isso é bastante prejudicial para a reputação do jornal.

Na grande maioria dos casos esses erros não acontecem intencionalmente, ocorrem apenas pela pressa em publicar, por esse motivo, uma notícia errada não é necessariamente uma *fake news*, pois não houve intenção do jornalista em divulgar a informação errada propositalmente, e com o auxílio da tecnologia é muito fácil atualmente corrigir uma notícia, não sendo necessária a exclusão da mesma, basta apenas editá-la, e boa parte dos jornais informam se determinada notícia foi editada, trazendo ainda data e horário da edição, o ato de editar uma notícia que antes foi divulgada de forma errônea pode garantir a

credibilidade do jornal, pois demonstra que apesar do erro os jornalistas tiveram a consciência de corrigi-lo.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa segue o método de abordagem quanti-qualitativo, também chamado de abordagem mista, pois assim como afirma Queiroz (2013 apud MARQUES; MELO, 2001, p.15), elas são vistas como complementares e levam a dimensões mais abrangentes para a criação do trabalho, tornando mais fácil a compreensão dos estudos no campo das ciências humanas e até mesmo nas ciências naturais.

A sua natureza é caracterizada como pesquisa descritiva, pois estudou as características de certo comportamento de um grupo específico, e esse tipo de pesquisa, segundo Gil (2008, p.28) “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”

Para a composição da base teórica deste estudo foi feito um levantamento bibliográfico em diversos meios, tais como, livros, artigos e bases de dados, onde foram selecionados os materiais para ser feita a análise de seu conteúdo e através deles realizar o embasamento teórico deste trabalho.

A pesquisa foi realizada com um público alvo principal, optou-se por realizá-la com os alunos matriculados no oitavo semestre do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, o motivo dessa escolha se deu pelo fato destes alunos já terem percorrido quase que por completo a grade curricular do curso adquirindo um conhecimento maior em relação ao lado prático da profissão, dessa forma, eles podem contribuir significativamente para esta pesquisa.

A coleta de dados se deu por meio de um questionário estruturado através da plataforma *Google Forms* e que foi enviado por e-mail para os alunos matriculados no oitavo semestre do referido curso, que conta com um total de 19 alunos. Entretanto, dos 19 alunos matriculados obteve-se um total de 16 alunos respondentes.

Com 16 das 19 possíveis respostas pode-se calcular a margem de erro desta pesquisa, que indicará em qual medida os resultados obtidos na pesquisa refletem as opiniões reais da população total. Para realizar o cálculo utilizou-se a fórmula indicada na figura 01:

Figura 01 – Fórmula da margem de erro

$$\text{Margem de erro} = z \times \frac{\sigma}{\sqrt{n}}$$

Fonte: Surveymonkey, 202?

Onde n é o tamanho da amostra, σ é o desvio padrão da população e z é o chamado escore z que é definido de acordo com o nível de confiança desejado, como podemos ver na figura 02:

Figura 02 – Escore Z

Nível de confiança desejado	escore z
80%	1,28
85%	1,44
90%	1,65
95%	1,96

Fonte: Surveymonkey, 202?

Para essa pesquisa o nível de confiança desejado é o de 95% então o escore z será 1,96. Como já mencionado a população teve um total de 19 alunos e a amostra foi de 16 alunos, com esse cálculo a margem de erro é de 10 pontos percentuais, o que significa que a pesquisa tem uma grande eficácia e grandes chances desses resultados serem um reflexo das opiniões reais, levando em conta a quantidade da população total (SURVEYMONKEY, 202?).

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O questionário utilizado foi estruturado baseado nas categorias de análise definidas anteriormente, sendo elas: o hábito de checagem de notícias, a utilização de determinados sites de checagem e por último, o compartilhamento de notícias duvidosas. As respostas obtidas estão aqui expostas e comentadas relacionando sempre com o que está presente no respectivo referencial teórico, juntamente com os objetivos desta pesquisa.

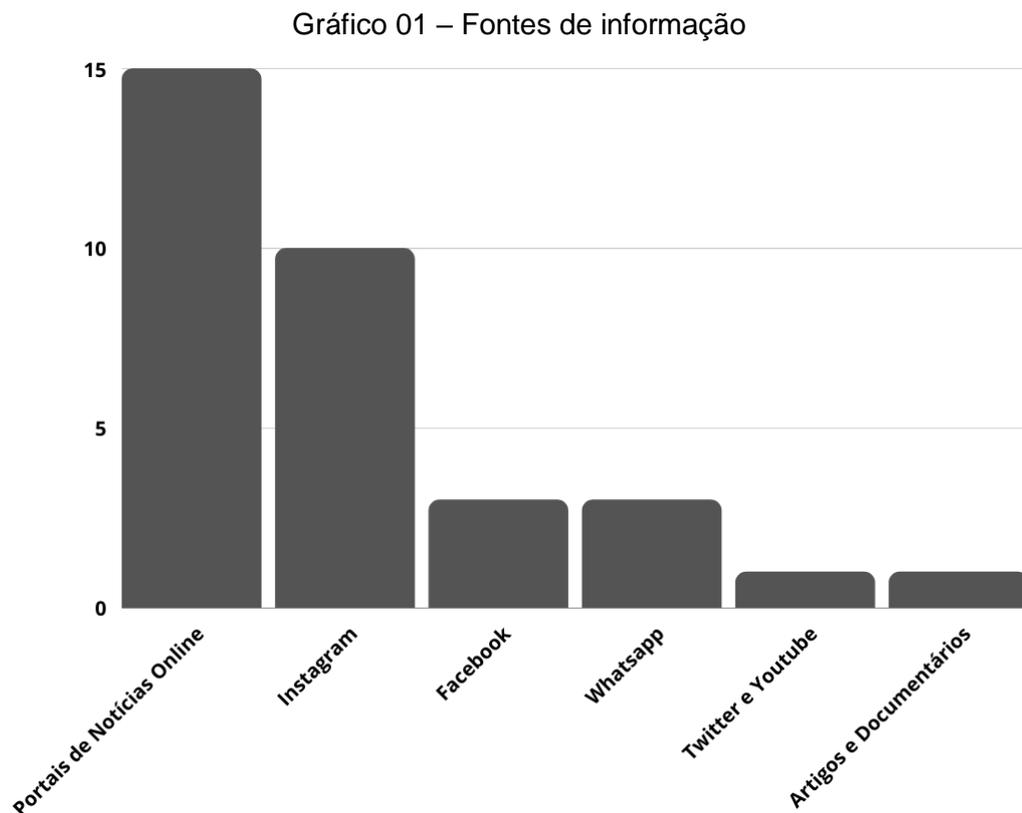
Foram recebidas 16 respostas no questionário enviado. Com base nas respostas coletadas pode-se traçar um perfil dos respondentes, onde, dos 16 alunos que enviaram respostas, 12 pessoas eram do sexo feminino e apenas 4 do sexo masculino. No curso em si, nota-se uma predominância da quantidade de mulheres em relação aos homens, então essa quantidade está refletida na realidade do curso.

De todos os respondentes, apenas 4 destes marcaram a opção irregular como resposta à pergunta sobre seu semestre no curso, os outros 12 alunos estão matriculados regularmente no último semestre. Analisando esse dado considerara-se que o número de alunos irregulares é um número até pequeno, considerando a atual situação vivida no país assim como no mundo inteiro.

A atual pandemia vivida por conta da Covid-19, resultou em um momento em que as aulas estão sendo dadas por meio remoto, que são aulas dadas à distância por meios tecnológicos, onde muitos alunos não se adaptaram bem a essa situação ou até mesmo não estão em uma condição favorável para acompanhar esse tipo de ensino, independente de qual seja o motivo. Desta forma, desde o início das aulas remotas a pesquisadora pode presenciar alguns colegas de faculdade que decidiram trancar alguma disciplina e acabaram ficando atrasados em relação ao tempo em que terminariam a graduação.

O próximo passo foi saber dos respondentes quais meios eram mais utilizados pelos mesmos para se manterem informados em relação a notícias no modo geral. O objetivo desta pergunta era identificar o meio mais utilizado por esses alunos. Nessa pergunta foram dadas quatro opções, sendo elas, portais de notícias online e as redes sociais *whatsapp*, *facebook* e *instagram*, além da opção de acrescentar outros meios que fossem utilizados por eles. Nessa pergunta os alunos podiam marcar mais de uma opção que eles utilizassem.

Como pode ser visto no gráfico 01 a seguir, em primeiro lugar, de forma quase unânime, está a opção portais de notícias online com 15 marcações. Na elaboração do questionário, imaginou-se que de fato essa seria a opção mais selecionada, pois partiu-se do pressuposto de que as notícias publicadas pelos principais portais de notícias online são notícias verídicas, pois há toda uma equipe por trás da elaboração que trabalham para manter uma boa reputação desses portais. Em seguida vem a rede social *instagram* que ficou em segundo lugar com 10 marcações e logo após temos o *Facebook* e *Whatsapp* empatados, ambos com 3 marcações. Com a opção de adicionar outras respostas à essa pergunta um respondente adicionou a rede social *Twitter* juntamente do *Youtube* como meios de se manter informado e um outro respondente adicionou a opção artigos e documentários, as quatro opções adicionadas são grandes meios para se obter informações dos mais diversos tipos de assuntos.



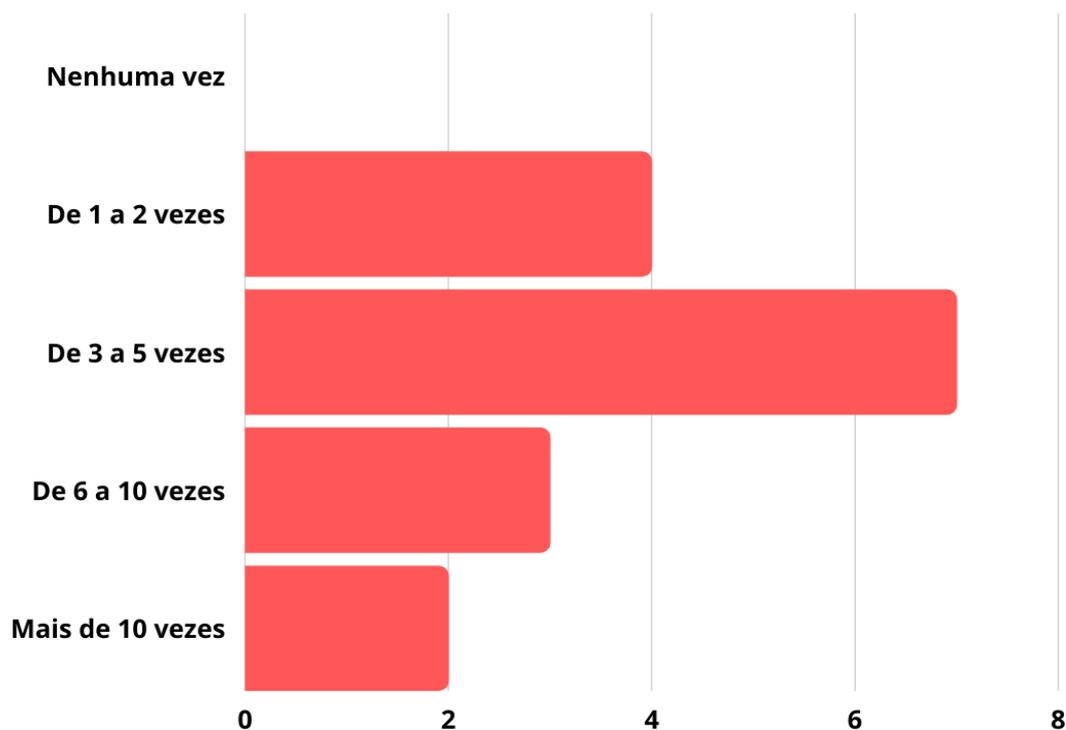
Fonte: Elaborado pela autora através da pesquisa realizada, 2021.

Em seguida perguntou-se a respeito da frequência diária em que os respondentes costumavam ler ou assistir notícias através da internet ou aplicativos

de redes sociais. Essa pergunta foi feita para se ter uma dimensão da quantidade de informação que esses alunos acessam diariamente. Foram dadas as opções nenhuma vez, de 1 a 2 vezes, de 3 a 5 vezes, de 6 a 10 vezes e mais de 10 vezes, onde apenas uma opção poderia ser selecionada.

A alternativa mais selecionada foi a de 3 a 5 vezes com um total de 7 respostas, seguida pela opção de 1 a 2 vezes com 4 respostas. Notou-se que as opções com menos vezes entre as alternativas foram as duas mais selecionadas, três pessoas responderam que costumam ler notícias cerca de 6 a 10 vezes por dia e só duas pessoas mais de 10 vezes por dia e a opção nenhuma vez não obteve marcação como podemos observar no gráfico 02.

Gráfico 02 – Frequência diária de acesso a notícias

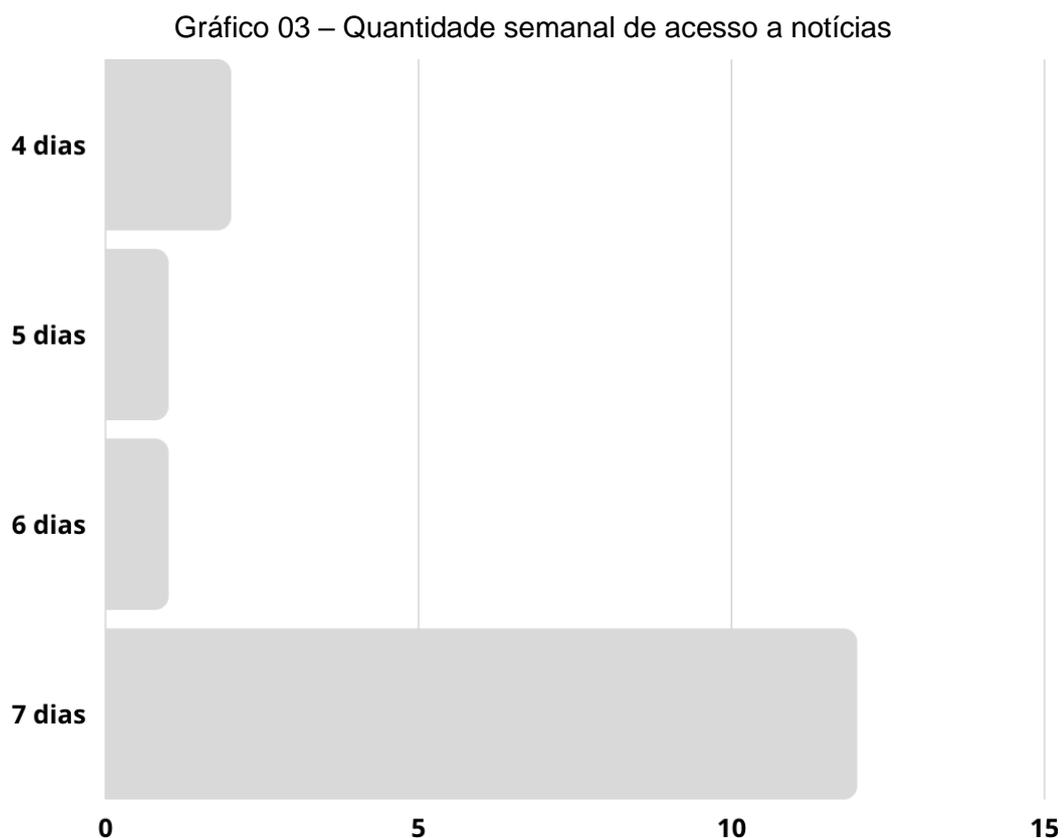


Fonte: Elaborado pela autora através da pesquisa realizada, 2021.

Outro dado obtido foi em relação à quantidade de dias por semana em que os respondentes costumam ler ou assistir notícias através da internet ou aplicativos de redes sociais. Normalmente tem-se acesso a informações diariamente, dessa forma esta pergunta serve para analisar se esses alunos buscam acessar informações diariamente ou em outra quantidade de dias. As opções

disponibilizadas foram a de nenhuma vez e as quantidades de 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 dias por semana. Nessa pergunta era possível marcar apenas uma opção.

De todas as opções apenas quatro obtiveram marcações, em primeiro lugar ficou a opção 7 dias por semana com doze respostas, informação interessante, pois com a facilidade de acesso à informação que se tem hoje é quase inevitável passar um dia sem se informar a respeito de algo. Em segundo lugar veio a opção 4 dias por semana com duas marcações, como observa-se no gráfico 03, nota-se uma distância relativamente grande entre a quantidade de dias do primeiro e segundo lugar. As duas últimas opções marcadas foram as de 5 dias e 6 dias por semana, ambas com apenas uma marcação, as demais opções da pergunta não obtiveram respostas. Comparando essa pergunta com a anterior podemos perceber que os respondentes em sua maioria costumam acessar informações todos os dias da semana, porém buscam por elas poucas vezes durante o dia.



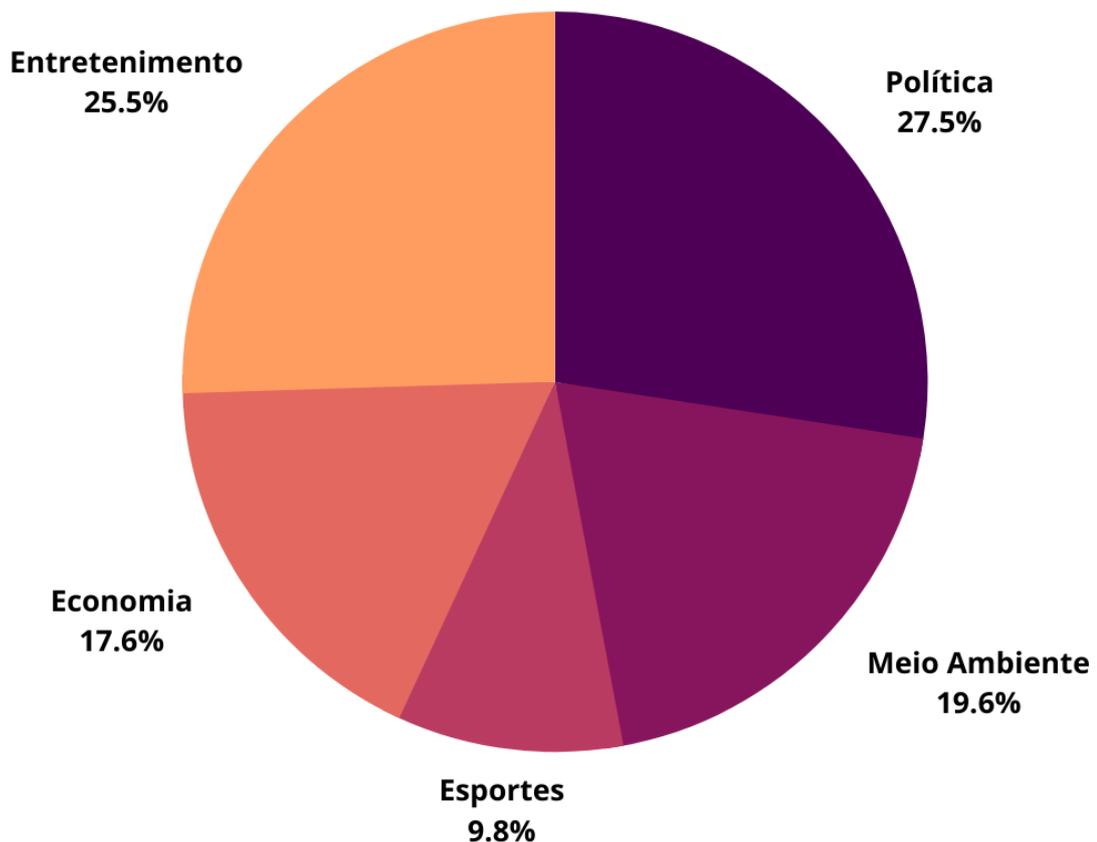
Fonte: Elaborado pela autora através da pesquisa realizada, 2021.

Para entender um pouco melhor o perfil dos respondentes em relação ao tipo de notícia mais visualizado, perguntou-se sobre os tipos de notícias que eles

costumavam ler ou assistir através da internet ou de aplicativos de redes sociais. Geralmente é possível perceber que determinados tipos de notícias são mais suscetíveis a terem seus fatos distorcidos e alterados, como por exemplo, as notícias relacionadas à política. Dessa forma as opções dadas previamente eram política, meio ambiente, esportes, economia e entretenimento. Os respondentes poderiam adicionar outras opções além dessas e também podiam marcar mais de uma opção nesta pergunta.

As opções mais selecionadas foram, em primeiro lugar, política, com um total de 14 marcações, seguida por entretenimento com 13 respostas, logo após veio a opção meio ambiente com 10 marcações seguido por economia com 9 respostas. Das respostas prévias, a opção esporte ficou por último, com apenas 5 marcações. Foram adicionadas ainda pelos respondentes as opções cultura, notícias em geral e a opção saúde e estética, como se pode observar melhor no gráfico 04 a seguir.

Gráfico 04 – Tipos de notícias acessadas



Fonte: Elaborado pela autora através da pesquisa realizada, 2021.

Na pergunta seguinte foi questionado se os respondentes costumavam repassar notícias sem antes conferir a sua veracidade, visto que o ideal seria sempre verificar se tal notícia é verdadeira ou não antes de compartilhar. Essa pergunta busca identificar se esses alunos de fato verificam as notícias.

Em sua totalidade, nas respostas recebidas, os respondentes afirmaram que não compartilhavam notícias sem antes verificar a mesma, alguns entrevistados acrescentaram algumas palavras sobre o motivo de verificarem informações antes de compartilhar, como podemos observar nas respostas a seguir:

R1: “Não repasso notícias sem antes conferir.”

R2: “Não, busco sempre conferir a fonte ou ver outras fontes, principalmente se a manchete é chamativa.”

R3: “Não, procuro sempre conferir a data da publicação, quem é o responsável pelo artigo e quem divulgou também.”

R4: “Não, primeiro tenho que ter certeza da informação.”

R5: “90% não. 10% entra na confiabilidade de quem compartilhou. Mas já me dei mal algumas vezes confiando nos outros. Hoje, raramente faço isso.”

Os demais entrevistados se limitaram a responder apenas “não”.

Então, foi a vez de questionar os entrevistados se, ao se deparar com uma notícia falsa ele teria o hábito de alertar a pessoa que compartilhou tal informação. Esse é um ponto delicado, pois, embora os entrevistados em sua maioria realizem a verificação de notícias, comunicar para alguém que a notícia que essa pessoa está compartilhando é falsa não é uma tarefa fácil, pois nem todas as pessoas estão abertas a reconhecer que compartilhou algo inverídico por desinformação ou até mesmo para aceitar um alerta mesmo sabendo que aquela informação é falsa.

Os respondentes ficaram bem divididos nessa pergunta, pois, por ser uma questão aberta, eles ficaram livres para discorrer um pouco sobre esse ponto, as respostas variaram entre sim, não, depende e sempre. Entretanto, a maioria afirmou que sim, costumam alertar sobre o compartilhamento de notícia falsa. Abaixo podemos conferir algumas das respostas enviadas pelos entrevistados:

R1: “Sempre, busco informá-la que é falsa e sempre que possível envio a notícia verdadeira explicando a *fakenews*.”

R2: “Sim, verifico em sites correlatos e aviso a quem compartilhou.”

R3: “Sim, não tenho nenhuma cerimônia em fazer isto. É até educativo para quem compartilhou.”

R4: “Sim, eu procuro alertar. Mas aconteceram poucas vezes comigo.”

R5: “Sim e se possível indicá-la a fonte de informação correta.”

As respostas seguintes estão destacadas por citarem pontos interessantes. A primeira por falar sobre o tipo de pessoa que não aceita o fato de ter compartilhado uma notícia falsa, pois principalmente ligado ao âmbito da política, muitas pessoas compartilham notícias que elas gostariam que fosse verdade, mas algumas são tão absurdas que a própria pessoa que compartilhou deve duvidar da veracidade, mas não admitirá tal informação ser falsa.

R6: “Dependendo do grau de intimidade com a pessoa. Pois tem pessoas que não aceitam que tão compartilhando notícias falsas, principalmente se tiver haver com a ideologia dela e tentar convencer pode dar briga.”

O ideal seria alertar tal pessoa sobre a veracidade da informação que ela está compartilhando, porém, outra atitude que pode ser tomada é a denúncia da publicação, como citou a pessoa entrevistada a seguir, as redes sociais já possuem a opção de denunciar determinada publicação, é uma alternativa para lidar com compartilhamentos falsos.

R7: “Não, eu denuncio a publicação.”

E a última, aborda o tema bolha informacional. Estar inserido em uma bolha informacional pode ser confortável, mas tem seus pontos negativos. Basicamente na sua bolha informacional a pessoa só receberá notícias relacionadas aos temas que ela gosta, baseado nos seus hábitos de pesquisa na internet, recebendo informações e opiniões que vão de encontro ao que ela já acredita. Um ponto negativo das bolhas informacionais é o fato de que dificilmente a pessoa verá opiniões divergentes da sua, dessa forma você acaba se fechando para apenas uma narrativa e vendo sempre o mesmo lado da história.

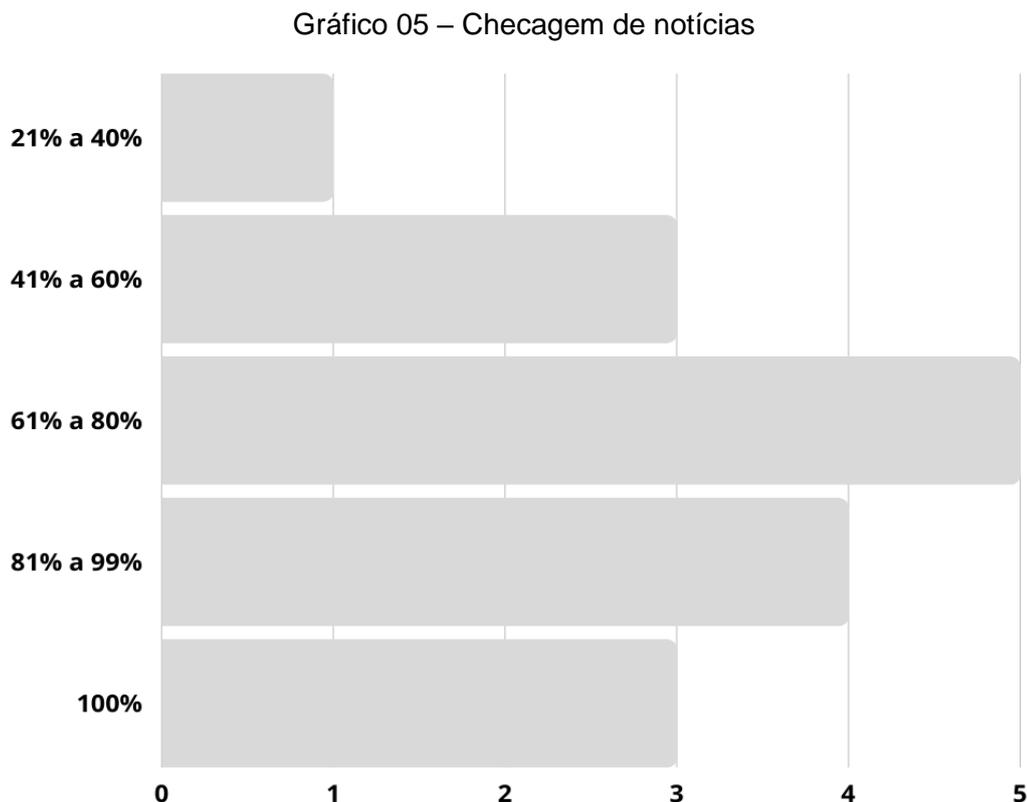
R8: “Acredito que vivo numa bolha muito confortável pois raramente chegam notícias falsas diretamente a minha pessoa, por exemplo, no contexto do *Whatsapp*. As notícias falsas das quais tenho conhecimento são as que vejo o pessoal comentando em redes sociais, como o *Twitter*, ou em sites de checagem.

Na pergunta seguinte o objetivo é identificar se os respondentes têm o costume de checar/auditar a veracidade dos fatos e notícias que leem ou assistem através da internet ou aplicativos de redes sociais. As opções de respostas

disponíveis em forma de porcentagem eram 0%, de 1% a 20%, de 21% a 40%, de 41% a 60%, de 61% a 80%, de 81% a 99% e por último 100%.

Nessa questão as respostas ficaram bem divididas. Não houve uma diferença muito grande de marcações entre as opções. A mais selecionada, com 5 marcações, foi a de 61% a 80% que é uma resposta razoável. Logo em seguida veio a opção de 81% a 99% com 4 respostas. Em seguida ocorreu um empate entre a opção de 41% a 60% e a opção 100%, ambas com 3 respostas.

Pode surpreender um pouco essas 3 marcações na opção 100% pois com a quantidade de informação e notícias que somos bombardeados todos os dias, checar todas elas demandariam um certo trabalho e tempo disponível. Por último veio a opção de 21% a 40% com apenas uma marcação, as demais opções não obtiveram resposta. No gráfico 05 a seguir podemos observar melhor a distribuição das respostas:

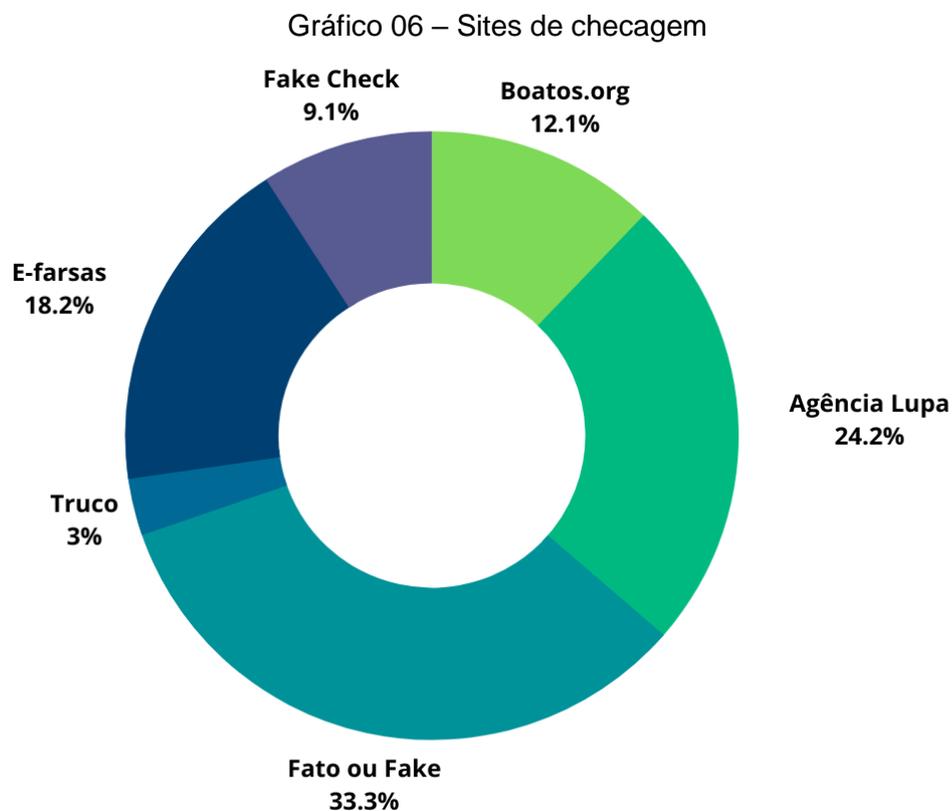


Fonte: Elaborado pela autora através da pesquisa realizada, 2021.

No referencial deste trabalho foram citados alguns sites que tem como objetivo apurar informações para identificar se são verdadeiras ou falsas e a

pergunta a seguir questiona se os entrevistados conhecem ou ao menos já ouviram falar destes sites de checagem de notícias. Obter conhecimento sobre esses sites é importante, pois em caso de dúvida sobre uma notícia, possivelmente em um desses sites estará a resposta se a notícia é verdadeira ou falsa. As opções listadas eram Boatos.org, Agência Lupa, Fato ou Fake do Portal G1, Truco da Agência Pública, E-Farsas e Fake Check. Além dos sites citados, o entrevistado poderia adicionar outras opções que ele conhecesse e que não havia sido citada e também poderia marcar a opção nenhum, caso não conhece os sites citados. Essa questão permitia marcar mais de uma opção.

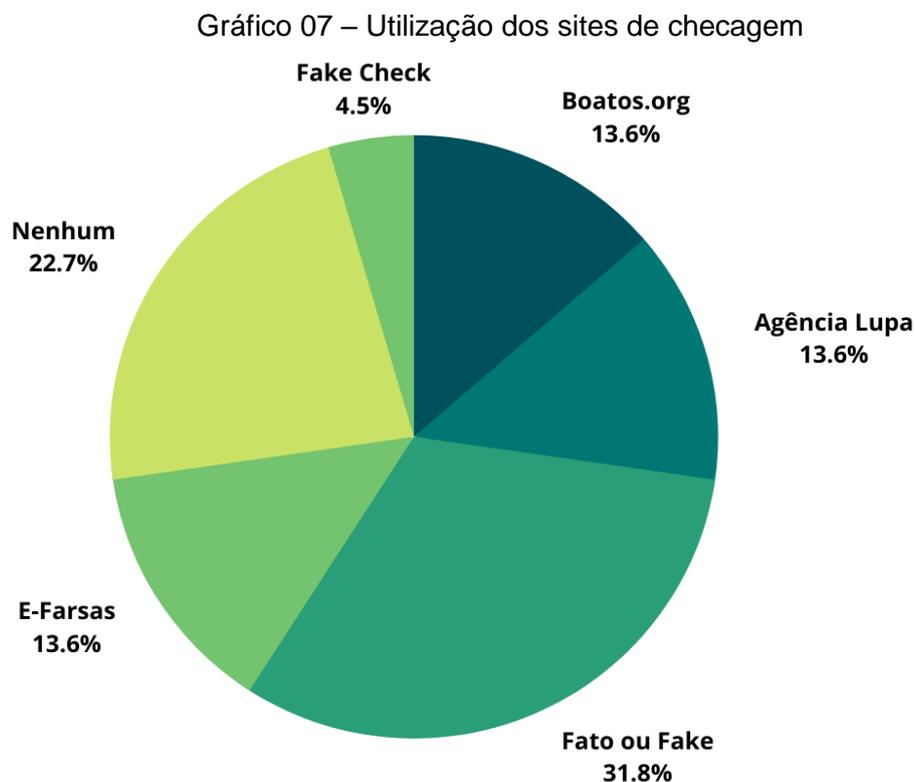
O Fato ou *Fake* do Portal G1 ficou em primeiro lugar com 11 respostas, de todos os citados ele realmente é o mais divulgado pelas redes sociais, não é difícil se deparar com alguma publicação deles desmentindo alguma notícia. Em segundo lugar com 8 marcações ficou a Agência Lupa, seguido pelo E-Farsas com 6 respostas. O site Boatos.org recebeu 4 marcações. Ocorreu um empate entre o site Fake Check e a opção Nenhum, ambos com 3 respostas. Em último lugar ficou a opção Truco da Agência Pública, com apenas uma marcação, como pode-se observar no gráfico 06 a seguir:



Fonte: Elaborado pela autora através da pesquisa realizada, 2021.

Após questionar se os entrevistados conheciam os sites de checagem de notícias, foi perguntado se eles de fato utilizavam esses mesmos sites para realizar a verificação de notícias. O objetivo desta questão era identificar o site mais utilizado pelos alunos para checar as notícias. As opções disponibilizadas foram as mesmas da questão anterior, inclusive com a opção nenhum, caso o entrevistado não utilizasse nenhum dos sites citados. Mais de uma opção poderia ser marcada nessa questão.

A opção mais selecionada foi a Fato ou Fake do Portal G1 com 7 marcações. Essa resposta já era esperada pois na questão anterior ao serem questionados se conheciam os sites de checagem ela foi a que recebeu mais marcações, porém, surpreendentemente a opção que ficou em segundo lugar foi a nenhum, onde 5 pessoas afirmaram não utilizar nenhum dos sites citados na questão para realizar a checagem de notícias. Houve um empate entre as opções Boatos.org, Agência Lupa e o E-Farsas, onde cada uma das opções recebeu 3 marcações. A opção Fake Check recebeu apenas uma resposta e a opção Truco da Agência Pública não recebeu nenhuma marcação. Veja o gráfico 07 a seguir:



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando ao primeiro objetivo específico, verificar se os alunos do último semestre do curso de biblioteconomia possuem conhecimento sobre sites que realizam checagem de informação, identificou-se que a grande maioria dos alunos conhecem praticamente todos os sites de checagem de informação listados na pesquisa, sendo eles, Boatos.org, Agência Lupa, Fato ou Fake do Portal G1, Truco da Agência Pública, E-Farsas e o Fake Check. Entretanto, ao analisar se os alunos utilizam de fato esses mesmos sites para realizar a verificação de notícias as respostas mudam, pois a maioria utiliza apenas um site, o Fato ou Fake do Portal G1, enquanto outros sites não chegam a ser utilizados por esses alunos.

No segundo objetivo específico, onde o interesse era identificar se esses alunos costumam alertar pessoas que compartilharam uma informação falsa, identificou-se que a maioria dos alunos costuma sim avisar que tal informação é falsa, muitos ainda confirmaram que não hesitam e sempre alertam sobre o compartilhamento de informação falsa. Os demais afirmaram que o ato de alertar sobre uma informação falsa depende de quem compartilhou a falsa notícia, pois, segundo eles, há pessoas que não aceitam ser alertadas que estão compartilhando *fakenews*, e que muitas vezes pode acabar gerando uma discussão, a qual prefere evitar.

No último objetivo específico onde analisou-se se os alunos possuem o hábito de repassar notícias sem saber se de fato são verdadeiras, os alunos, em sua totalidade, afirmaram não repassar a informação se a notícia deixar alguma dúvida, há informações que não deixam sua fonte exibida de forma clara, isso pode dificultar numa possível verificação, nessa situação também é preferível não realizar o compartilhamento.

Os alunos se mostraram bem atentos em relação a identificação de *fake news*, alguns afirmaram que costumam verificar a informação em diferentes fontes, verificam a data da publicação assim como a fonte, e até afirmaram ficar mais alerta em relação a isso por conta de já ter repassado alguma informação falsa por engano no passado.

Chegando ao objetivo geral deste trabalho, o de analisar se esses alunos realizam a checagem de notícias, obteve-se um resultado positivo e constatou-se que sim, a grande maioria dos alunos já possui o hábito de realizar a verificação de

notícias. Esse é um ponto importante, pois para a população em geral e especificamente para um profissional da informação, esse é um ato importante, pelo fato de estar sempre rodeado de notícias das mais diversas áreas, e esses alunos já possuem esse hábito desde a graduação. Também como foi notado alguns alunos já estão atentos para alguns pontos de alerta sobre como identificar uma possível notícia falsa.

Dessa forma, com as análises e observações feitas no decorrer deste trabalho, pode-se concluir que os objetivos, tanto o geral como os específicos foram atingidos e obteve-se um resultado positivo. Com esse resultado imagina-se que esses alunos, futuramente como profissionais bibliotecários, poderão contribuir grandemente para uma sociedade melhor informada e com menos desinformação.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. R.; MOSCHETTA, P. H. Visibilidade e reputação nos sites de redes sociais: a influência dos dados quantitativos na construção da popularidade a partir da percepção dos usuários. *IN: José Carlos Ribeiro. Performances Interacionais e Mediações Sociotécnicas*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2015.
- BARRETO, Alesandro Gonçalves; BRASIL, Beatriz Silveira. **Manual de Investigação Cibernética à Luz do Marco Civil da Internet**. Rio de Janeiro: Editora Brasport, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Disponível em: <http://www.cpv.org.br/wp-content/uploads/2017/09/BAUMAN-Modernidade-L%C3%ADquida-2001.pdf>. Acesso em: 29 de out. 2018.
- BLOG LUPA. **O que é a agência lupa?** Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-selecionamos-as-frases-que-serao-checadas/>. Acesso em: 31 de out. 2018.
- BODART, Cristiano das Neves. A importância do capital cultural: contribuição de Pierre Bourdieu. **Café com sociologia**. 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural/>. Acesso em: 16 de set. 2020.
- BOGHOSSIAN, Bruno. Ricos e escolarizados são os que mais rejeitam atuação de Bolsonaro na crise, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/ricos-e-escolarizados-sao-os-que-mais-rejeitam-atuacao-de-bolsonaro-na-crise-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 16 de set. 2020.
- BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- CALIL JUNIOR, Alberto. Bibliotecas públicas como locus para a alfabetização midiática e informacional. São Paulo: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13. p. 136-154, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/663/573>. Acesso em: 29 de out. 2018.
- CAMPOS, Lorraine Vilela. **O que são Fake News?**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/o-que-sao-fake-news.htm>. Acesso em: 30 de out. 2018.
- CASTILHO, Carlos. **A objetividade e a autoria compartilhada**. 2005 Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-objetividade-e-a-autoria-compartilhada/>. Acesso em: 21 de out. 2020.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. Bahia: **Ponto de Acesso**, v. 1, n. 1, p. 88-98, jun. 2007. Disponível

em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1396>. Acesso em: 19 de jul. 2020.

E-FARSAS. **Sobre**. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/sobre>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

FAKE CHECK. **Sobre o projeto**. Disponível em: <https://nilc-fakenews.herokuapp.com/about>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

GARCIA, Francisco Antonio. **Filosofia e a verdade**. Santa Catarina: Acta Scientiarum, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

LISBOA, Carlos Daniel Vaz. Persecução criminal na internet. **Revista da Associação Paulista do Ministério Público**. São Paulo: Salesianas, n.24, 2012.

MARQUES, K. A.; MELO, A. F. F. **Abordagens metodológicas no campo da pesquisa científica**. Goiás: BlucherEducationProceedings, 2001.

MEDEIROS, Armando. Os perigos da indiferença à verdade. *In: A era da pós-verdade: realidade versus percepção*. Uno: São Paulo, v.27, n.1, p.23-25, mar. 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em 15 de nov. 2020.

O GLOBO. **Sete em cada dez brasileiros já acreditaram em 'fake news' sobre vacina, diz estudo**. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/sete-em-cada-dez-brasileiros-ja-acreditaram-em-fake-news-sobre-vacina-diz-estudo-24073494>>. Acesso em: 11 fev. 2020.

PALLETA, Francisco Carlos.; GONÇALVES, Francisca Juliana da Silva. **Curadoria digital: o papel das bibliotecas na sociedade em rede**. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia, João Pessoa, v. 11, n.2, p. 047-058, 2016.

PINA, Carolina. Amigos da verdade: os limites jurídicos das fake news. *In: A era da pós-verdade: realidade versus percepção*. Uno: São Paulo, v.27, n.1, p.41-43, mar. 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 15 de nov. 2020.

PINHEIRO, Ana Cleide Lucio; *et al.* **Os diversos espaços de atuação para o profissional bibliotecário**. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 2, n.2, 2012. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/1698/1148>. Acesso em: 29 de out. 2018.

PORTAL DO BIBLIOTECÁRIO. **Curadoria digital: uma introdução**. Disponível em: <http://portaldobibliotecario.com/ciencia-da-informacao/curadoria-digital-uma-introducao/>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

PÚBLICA AGÊNCIA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Truco**. Disponível em: <https://apublica.org/truco-antigo/>. Acesso em: 06 de jul. 2020.

RECUERO, Raquel. Rede Social. In: SYPER, Juliano. **Para Entender a Internet: noções práticas e desafios da Comunicação em Rede**. [S.l]: NãoZero, 2009. Disponível em: <http://www.cecm.usp.br/~eris/pub/acad/popular/Para%20entender%20a%20Internet.pdf>. Acesso em: 30 de out. 2018.

SERRA, Paulo. **Web e credibilidade: o caso dos blogs**. [2003?]. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/serra-paulo-web-credibilidade-blogs.pdf>. Acesso em: 25 de out. 2020.

SOUZA, Rogério Martins de. **Investigando as fake news: análise das agências fiscalizadoras de notícias falsas no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-0343-1.pdf>. Acesso em: 11 de nov. 2020.

TISCAR, Lara. **Cómo verificar contenidos online?** Disponível em: <https://tiscar.com/2017/02/13/verificar-contenidos-online/>. Acesso em: 16 de set. 2020.

VINER, Katharine. Howtechnologydisruptedthetruth. **The Guardian**, 12 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2016/jul/12/how-technology-disrupted-the-truth>. Acesso em: 08 de dez. 2020.

ZARZALEJOS, José Antonio. Comunicação, jornalismo e *fact-checking*. In: **A era da pós-verdade: realidade versus percepção**. Uno: São Paulo, v.27, n.1, p.11-13, mar. 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 15 de nov.2020.

ZATTAR, Marianna. **Os bibliotecários (as) e as fakenews**. Disponível em: [https://conhecimentoemacao.blog.br/UserFiles/documentos/Doc_OFICIAL%20%20Os%20bibliotec%C3%A1rios%20\(as\)%20e%20as%20Fake%20news%20-%20C%C3%B3pia%20\(2\).pdf](https://conhecimentoemacao.blog.br/UserFiles/documentos/Doc_OFICIAL%20%20Os%20bibliotec%C3%A1rios%20(as)%20e%20as%20Fake%20news%20-%20C%C3%B3pia%20(2).pdf). Acesso em: 15 de set. 2020.